

4^a PARTE

Discursos

DISCURSO DE POSSE(*)

Murilo Martins

*É no "azul da adolescência" que os sonhos suas asas soltam e:
"... um por um, céleres voam
como voam as pombas dos pombais"...*

Foi na minha adolescência que, um dia, sonhei ser médico. Iniciei essa fase de minha vida nos dias incertos da Segunda Guerra Mundial, ouvindo, diariamente nos rádios, os noticiários das tragédias que envolviam o mundo. Esses acontecimentos, certamente, contribuíram para despertar dentro de mim o desejo latente de me tornar um filho de Hipócrates. O objetivo final era, como disse em outras ocasiões, vivenciar a sensação indiscreto de poder salvar vidas e amenizar dores.

Poucos anos após, foi-se a "segunda pomba despertada". Na qualidade de auxiliar das práticas de Anatomia, experimentei a fascinante emoção de transmitir aos mais novos os conhecimentos que, a duras penas, tinha adquirido. Ensinar passou a ser um sonho e, ao colar grau, tomei a grande decisão de minha vida: "Serei um Professor de Medicina"!

Porém, existia dentro de mim um amor acanhado, platônico, reprimido, sem coragem de vir à tona. Nascido nos dias do Ginásio Lourenço Filho, nas aulas do meu saudoso professor Filgueiras Lima, lentamente cresceu e somente agora, pôde libertar-se. Trata-se do amor que nutro pela beleza das letras, pela fluência da prosa e pelo ritmo do verso.

Gostaria de, neste momento, agradecer aos senhores Acadêmicos a honra que me deram de indicar o meu nome para pertencer a esta quase centenária Casa, transformando em realidade o tímido sonho de minha juventude. Direi agora, diferentemente do poeta paraibano, que, ao entrar nesta Catedral, edificarei "a imagem dos meus próprios sonhos"!

(*) Discurso de posse na Academia Cearense de Letras, pronunciado a 15 de agosto de 1991.

Deverei ocupar, na Academia Cearense de Letras, a Cadeira nº 4, cujo patrono e fundador foi Antônio Bezerra de Meneses. Filho do Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra e de D. Maria Teresa de Albuquerque Bezerra, nasceu no dia 21 de fevereiro de 1841, em Quixeramobim, e faleceu em Fortaleza, no dia 28 de agosto de 1921. Foi uma das figuras mais atuantes de sua época e soube projetar-se, com grande destaque, nas atividades culturais e cívicas do nosso Estado.

Antônio Sales, ao fazer uma revisão histórica da literatura cearense, marcou o ano de 1870 como o ponto de partida de um período de intensa atividade intelectual entre os jovens do estado do Ceará. Questões religiosas vigentes na época redundaram na fundação da folha **Fraternidade** e de um centro de palestras, ironicamente denominado **Academia Francesa**. Foi no alvorecer daquela década que Antônio Bezerra estreou nas letras publicando o livro **Sonhos de Moço**. Tratava-se de uma coletânea de poesias líricas, “repletas de pujante e vivida inspiração pessoal”. Nota-se que o poeta cearense tivera uma grande influência de Casimiro de Abreu, com quem convivera no período que passara no Rio de Janeiro.

Antônio Bezerra foi contemporâneo de Tomás Pompeu, Antônio Sales, Rocha Lima, Araripe Júnior, Juvenal Galeno, João Lopes, Rodolfo Teófilo, Justiniano de Serpa, Antônio Dias Martins e Farias Brito. Tratava-se de uma plêiade de intelectuais cearenses que, além de projetar nossa cultura, envolveram-se com os problemas políticos e cívicos da Nação. A seca dos anos 77, 78 e 79 comprometeu a vitalidade desses homens de letras, porém essa fase foi de curta duração e logo se refez, traduzindo em prosa e verso os martírios desses anos de estio.

A campanha da abolição, que cobriu o Ceará de glórias, encontrou em Antônio Bezerra um jornalista combativo, um abolicionista convicto, que, um dia, sonhou erradicar a mancha negra da escravidão do nosso povo. Nesse período publicou em co-autoria com Justiniano de Serpa e Antônio Dias Martins, — os Poetas da Abolição — a obra “Três Liras”.

O ilustre filho de Quixeramobim foi também um grande estudioso de História e das Ciências Naturais. Publicou os livros: **Maranguape - Notas de Viagem**, em 1885; **Notas de Viagem ao Norte do Ceará**, em 1889; **O Ceará e os Cearenses**, em 1906 e **Algumas Origens do Ceará**, em 1918.

É interessante destacar que, na última década do século XIX, a pequena capital cearense possuía quatro associações que desenvol-

viam intensa atividade intelectual e científica: a Padaria Espiritual, o Clube Literário, o Instituto do Ceará e a Academia Cearense. Antônio Bezerra, apesar de ser autodidata e não possuir um diploma de nível superior, soube se projetar nessas associações, tendo sido sócio fundador das três últimas.

Ao ingressar neste quase centenário Sodalício, sinto nos ombros o peso da responsabilidade de ocupar uma vaga, cujo patrono foi, ao mesmo tempo, ilustre homem de letras, inspirado poeta lírico, jornalista combativo, cronista delicado, historiador de profunda acuidade e vigoroso pesquisador da flora e geografia de nossa terra.

Antecederam-me na Cadeira 4 da Academia Cearense de Letras: o médico João Otávio Lôbo, o poeta Antônio Furtado Bezerra de Meneses, o historiador Raimundo Girão, o cronista José Milton de Vasconcelos Dias e o pesquisador Joaquim Lôbo de Macêdo. Tive a ventura de conhecer quatro desses ilustres intelectuais cearenses, sendo que profundos laços de amizade familiar me prenderam aos três últimos acadêmicos. De acordo com as disposições regimentais, devo analisar a vida e a obra do meu antecessor, o professor Joaryvar Macêdo; porém, antes de cumprir a obrigação do recipiendário, gostaria de dizer duas palavras sobre **Raimundo Girão** e **José Milton Dias**.

Raimundo Girão, nascido na pequena cidade interiorana de Morada Nova, foi uma das figuras mais brilhantes dos meios intelectuais do Ceará, nos últimos anos. Do seu extenso currículo mencionarei as seguintes atividades: Bacharel e Doutor em Direito, Prefeito Municipal de Fortaleza, Ministro do Tribunal de Contas, Membro e Presidente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, Fundador e Presidente do Rotary Clube de Fortaleza, Fundador e Diretor da Escola de Administração do Ceará, Secretário Municipal de Urbanismo, Secretário Estadual de Educação e posteriormente da Cultura, além de receber inúmeras medalhas e honrarias e publicar mais de trinta livros. Porém, por mais títulos e comendas que enumere, ele foi, para mim, acima de tudo, o Dr. Girão, o amigo do meu pai!

A amizade entre eles teve início quando, juntos, editaram o célebre livro **O Ceará**. Posteriormente, como sócios, militaram na advocacia comercial, foram companheiros no Rotary Clube, confrades na Academia Cearense de Letras e no Instituto do Ceará, colegas de Magistério, e, por quase cinqüenta anos, compadres. A afeição mútua que um nutria pelo outro pode ser sintetizada nas últimas palavras que ele disse ao meu genitor, dias antes de falecer: "Sempre amigos".

Dr. Girão e eu fomos protagonistas de um interessante episódio de minha infância. Posso considerar o incidente como o primeiro despertar de minha consciência, esta faculdade mental que o ser humano possui para decidir entre o certo e o errado.

Aconteceu no início de 1939, não deveria ter 10 anos. A mando do proprietário da Editora Fortaleza, dirigi-me à Rua João Lopes para deixar as provas — galé do livro *O Ceará*. Dr. Girão já as esperava visivelmente eufórico. Como era costume na época, tirou da algibeira uma moeda de 500 réis que me entregou, dizendo:

— Táí, pra você tomar um cafezinho!

A ordem, porém, fez surgir dentro de mim um sério problema: eu não gostava de cafezinho! Naqueles dias, vinha rondando a livraria do José Edésio, namorando o *Mirim*, a revista em quadrinhos da garotada. Fiquei com esse dilema por algum tempo, mas o impulso venceu a razão: optei pela revistinha.

No dia seguinte, moeda em punho, aproximei-me do Dr. Girão e fui falando com rapidez:

— É o troco do dinheiro que o senhor me deu. Mas quero lhe avisar que não tomei o café, preferi comprar a revista *Mirim*. Afinal de contas, tudo era o mesmo preço!

Dr. Girão riu e me abraçou. Ainda hoje sinto o carinho daquela abraço. Esse é um dos inúmeros motivos por que, quando falo desse insigne cearense, por mais honrarias que tenha recebido, só o vejo com os olhos do coração.

O outro ilustre ocupante da cadeira 4 desta Academia, José Milton de Vasconcelos Dias, ou simplesmente Zé Milton, nasceu em Ipu e bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará em 1943. Inclinado ao magistério, foi Professor Titular de Literatura Francesa na UFC e, graças aos seus relevantes serviços prestados na divulgação da língua-irmã, recebeu do Governo Francês a Medalha das Palmas Acadêmicas. No campo das letras foi cronista e contista festejado, membro do grupo Clã e da ACL e autor de inúmeros livros, entre eles: *Sete-Estrelo*; *As Cunhãs*; *A Ilha do Homem Só* e *Entre a Boca da Noite e a Madrugada*.

Tive oportunidade de privar de sua amizade desde o fim da década de cinqüenta, quando chefiava o Gabinete do Reitor Martins Filho, até os dias que precederam seu desaparecimento. Ainda ecoam dentro de mim as suas conversas descontraídas, as histórias do cotidiano narradas com simplicidade, repletas de conotações espirituo-

sas. Certa ocasião, entre as fumaças de um cigarro e outro, ele quis saber do perigo de vir a sofrer de um câncer do pulmão.

— As estatísticas americanas — respondi sucintamente — demonstraram que o câncer do pulmão nunca ocorre em um careca.

Impressionado com esta informação ele registrou a conversa em uma de suas crônicas. Mas as coronárias não tiveram a resistência do pulmão e na manhã do dia 22 de março de 1983 elas ocluíram, tirando o alegre cronista do nosso convívio, enlutando o mundo intelectual do Ceará.

Se Raimundo Girão e José Milton Dias, sem vínculo sangüíneo, foram verdadeiros irmãos, Joaquim Lôbo de Macêdo, meu antecessor na Academia, reuniu a grande amizade com o parentesco, pois pertencemos à árvore genealógica dos Terésios. A origem de nossa família remonta à terceira década do século XVIII, quando o Capitão José Paes Landim fundou o Engenho da Santa Teresa, sendo considerado, portanto, como um dos pioneiros da colonização do Vale do Cariri. Descendem desse tronco comum, entre outras, as famílias Paes Landim, Jesus, Cruz Neves, Cruz, Saraiva da Cruz, Cruz Santana, Cartaxo, Macêdo e Lôbo de Macêdo, que Joaryvar pacientemente estudou e registrou suas pesquisas na volumosa obra **A Estirpe da Santa Teresa**.

Joaquim Lôbo de Macêdo, que adotou, em homenagem à mãe, o pseudônimo de Joaryvar Macêdo, nasceu no Sítio Calabaço, município de Lavras da Mangabeira, na manhã do dia 20 de maio de 1937. Filho do agricultor e ex-político Antônio Lôbo de Macêdo e de Dr. Maria Torquato de Macêdo, teve nove irmãos consangüíneos e dez germanos, fazendo, portanto, parte de uma numerosa e típica família nordestina.

Fez seus estudos iniciais na sua cidade natal, tendo concluído o primário no Grupo Escolar Estadual de Lavras da Mangabeira. Propenso à vida religiosa, estudou nos Seminários: São José do Crato, Arquidiocesano de Fortaleza, Arquiepiscopal de Olinda-Recife e Arquidiocesano de João Pessoa. Nessa verdadeira universidade católica, fez seus estudos fundamentais e os cursos de Filosofia e Teologia, adquirindo uma sólida cultura, que pôs a serviço de sua região e Estado. No fim de 1962, com 25 anos de idade, desistiu da vida eclesiástica, ingressando posteriormente na Faculdade de Filosofia do Crato. Colou grau no dia 7 de dezembro de 1968, com Licenciatura Plena em Letras, sobressaindo-se como orador da turma. Vários cursos complementaram sua formação acadêmica, como Metodologia do

Ensino Superior (especialização), Filosofia, Análise de Textos, Desenvolvimento Microrregional Integrado e inúmeras conferências, seminários e encontros pedagógicos, atendidos no Cariri ou no Brasil afora, como Professor e Secretário de Cultura do Estado do Ceará.

Conhece-se um professor pela dedicação ao ensino, um escritor através da leitura de seus livros e a tenacidade de um pesquisador analisando os métodos utilizados no percurso de suas investigações. Tive, em várias ocasiões, o ensejo de entrar em contacto com Joaryvar Macêdo, porém somente compulsando seu currículo é que pude admirar a extensão de sua cultura e a perseverança de suas linhas de pesquisa, qualidades que escondia atrás de uma personalidade simples e de aparência tímida.

Sinto-me à vontade de falar do meu antecessor, pois consigo me identificar com ele em inúmeros aspectos. Além do amor às letras - que é denominador comum dos que fazem esta Casa — encontro no ensino e na pesquisa os principais ideais que nortearam nossas vidas.

Na vida profissional, o ilustre filho das Lavras da Mangabeira dedicou-se ao Magistério. Ao transmitir seus conhecimentos, um mestre oferta a seus alunos o produto de longos anos de estudo e trabalho. Como disse em outra ocasião: "Ensinar é dar a mão aos seus discípulos nos primeiros passos e permitir que breve tenham autonomia de seus destinos". "Ensinar faz parte da própria vida".

Pode-se avaliar a dedicação de Joaryvar Macêdo ao ensino pela sua contínua atividade de professor e a extensão de seus conhecimentos pela grande diversidade de matérias que lecionava. Assim nos cursos ginásial, científico, normal, técnico-comercial, técnico-agrícola e superior, foi professor das seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Língua Francesa, Latim, Filologia Românica, História Geral, Ciências e Físicas Biológicas, Doutrina Social da Igreja, Noções de Economia e Administração, Sociologia e Extensão Rural, Desenho Técnico e Instalações Rurais. Foi, outrossim, convocado para fazer parte do corpo docente da Faculdade de Engenharia Operacional, do Juazeiro do Norte, convite que declinou. Para ministrar aulas sobre assuntos tão diversificados, devem ter contribuído o seu excelente preparo intelectual, o domínio das línguas e o desejo de colaborar com as instituições de ensino do interior, tão carentes de mestres de alto quilate, como o dele.

Joaryvar Macêdo estreou nas letras publicando o livro de versos **Caderno de Loucuras**. Como a poesia era integrante de seu ser, dedicou parte de sua obra aos poetas, particularmente aos da região

caririense. Podem ser destacadas as seguintes publicações: **Fagundes Varela e Outros Rabiscos**; **O Poeta Lôbo Manso**; **Pedro Bandeira, Príncipe dos Poetas Populares**; **O Talento Político de Alencar Segundo a Crítica**; **Composições Poéticas de Hermes Carleial** e a biografia do seu pai, **Antônio Lôbo de Macêdo**; **O Homem e o Poeta**.

Joaryvar Macêdo, que começou como homem de letras, foi aos poucos se dedicando à pesquisa. Como ele próprio afirmou no seu discurso de posse da Academia: "E, se nesse afã nada mais conseguir ser, um título granjeei e dele não abro mão: pesquisador". Seu bem-querer à região caririense fez dele um investigador "de suas origens, de seu descobrimento e conquista, de seu povoamento, de sua formação social e econômica, de sua raça, de seus velhos e célebres troncos coloniais, de seus cultos relevantes e de seus valores preeminentes". Em síntese, ele teve uma visão histórica do Brasil através da região em que viveu.

O ilustre caririense iniciou suas investigações sobre História e Genealogia em 1964, cujos frutos foram divulgados em mais de 80 publicações. Dessa extensa bibliografia pode-se destacar os seguintes livros: **Os Augustos**, **A Estirpe da Santa Teresa**, **Origens de Juazeiro do Norte**, **Povoamento e Povoadores do Cariri Cearense** e, sua última obra, **o Império do Bacamarte**. Como incentivador da cultura caririense, publicou a maioria de seus trabalhos em periódicos locais, nos quais tinha colaborado com a criação e manutenção.

Seria extremamente difícil de enumerar e analisar, nesta sessão solene, toda obra deste insigne cearense. Gostaria, entretanto, de tecer ligeiras considerações sobre dois de seus livros, objetivando caracterizar melhor a tenacidade do pesquisador e a cultura do homem de letras.

"**A Estirpe da Santa Teresa**" é o mais extenso e laborioso trabalho de pesquisa de Joaryvar Macêdo, onde o autor reuniu os subsídios para a recomposição de uma frondosa árvore genealógica caririense. O trabalho exaustivo e beneditino do pesquisador pode ser avaliado pela análise das fontes de estudo dessa gigantesca obra. Assim, para fazer o levantamento dos troncos das famílias descendentes dos Terésios, por um período de mais de 240 anos, ele compulsou inúmeros livros de Registro de Batizados, Casamentos, Óbitos, Eclesiásticos e Habilitação às Ordens Sacras, arquivados nas Paróquias de Missão Velha, Icó, Crato, Barbalha, Jardim e Lavras da Mangabeira. Nos Cartórios da região rastreou as referidas famílias através da análise de longos Inventários, Cartas Precatórias, Partilhas

de Bens, Auto de Contas, Hipotecas, Autorizações, Petições, Escrituras de Doação e Testamentos. Acrescente-se a essa estafante coleta de dados, as comunicações orais, a volumosa correspondência e o precário estado de conservação de muitos daqueles documentos, alguns datando de 1748.

O Império do Bacamarte, editado pelos Programas Culturais da Casa José de Alencar, foi a última obra de Joaryvar Macêdo, lançada em agosto de 1990. Estuda o problema político-social do Coronelismo, que esboçado no Brasil-Colônia, atingiu o apogeu no início do presente século. Este fenômeno, tão comum no Nordeste brasileiro, foi abordado pelo autor sob ótica do seu Cariri. O leitor curioso pode fazer uma análise crítica deste livro sobre vários aspectos e, entre outros, poderia citar: o conhecimento profundo do tema, a vasta bibliografia e a riqueza de linguagem. Fazendo um exercício intelectual deste último item, encontrei uma vasta sinonímia de **coronel** — o tema central do livro. Ei-la: tirano, tiranete, régulo, líder, gestor, protetor, déspota, prócer, patriarca, dominador, timoneiro, onipotente, cacique sertanejo, soba, tuxaua, mandão, manda-chuva, mentor político, comandante político, senhor absoluto das terras, senhor plenipotente, senhor feudal, senhor de baração e cutelo...

O talento e a cultura de Joaryvar Macêdo foram, cedo, reconhecidos pelos seus alunos, colegas, pesquisadores e os amantes das letras. Trabalhando no interior do Ceará, a fama dos seus estudos atravessou os limites do Estado e as fronteiras do Brasil. Pode-se avaliar esta afirmativa pelas inúmeras sociedades a que pertenceu na nossa Nação e no Exterior e as condecorações e títulos honoríficos com que foi agraciado, entre elas, a comenda da Cruz de João Ramalho Oficializada pelo Governo do Estado de São Paulo. No campo político o intelectual caririense participou da equipe do Governador Gonzaga Mota na qualidade de Titular da Secretaria de Cultura e Desporto. Permaneceu nessa pasta durante quatro anos, tendo desenvolvido grande atividade em benefício do nosso Ceará.

A Academia Cearense de Letras, em homenagem ao "pesquisador do fastos caririense" elegeu-o para membro deste Sodalício. Na noite de 19 de agosto de 1983 transpôs os umbrais desta Casa de Cultura, quando foi saudado pelo Acadêmico Mozart Soriano Aderaldo.

Como médico, nunca me conformei com a morte. Como disse Augusto dos Anjos, o Patrono da Academia dos Infantes:

"É a morte este danado número Um.
Que matou Cristo e que matou Tibério!"

Joaryvar Macêdo faleceu no dia 29 de janeiro do corrente ano, após luta contra pertinaz moléstia. O destino roubou do nosso convívio o erudito historiador, quando possuía ainda um grande potencial para nos ofertar. Infelizmente, a Medicina que tanto preço, não pode ajudar o poeta, o professor e o pesquisador, mas espero que minhas palavras contribuam para colocá-lo em um lugar de relevo na galeria dos grandes homens de letras do nosso Estado.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:

Ao ingressar neste Sodalício, sinto um misto de apreensão e alegria; apreensão de ter a responsabilidade de substituir homens ilustres de nosso Estado que souberam se projetar no mundo das Letras e das Ciências; alegria de antever os bons momentos que passarei na companhia dos senhores Acadêmicos, participando dos objetivos desta Casa e enriquecendo minha personalidade com esta douta convivência.

É muito difícil traduzir todos os sentimentos que brotam do interior da alma. Fiquei profundamente sensibilizado com as palavras amigas e elogiosas proferidas pelo Acadêmico Pedro Paulo de Sousa Montenegro a meu respeito. Os meus mais sinceros agradecimentos.

Neste momento sublime de minha vida quero dar um destaque todo especial a meus pais — Maria de Carvalho Martins e Antônio Martins Filho. O agradecimento por tudo que fizeram por mim só pode ser retribuído pela grande devoção que lhes consagro. Reitero, neste momento, as palavras que disse na minha tese de Livre-Docência: "Devo a eles o grande amor que tenho ao Ensino e à Humanidade".

Sou profundamente grato aos meus familiares e aos amigos que me prestigiaram nesta noite solene. Aos meus colegas e quase-irmãos do Hospital das Clínicas e do HEMOCE, o meu fervoroso abraço. Fazemos parte de um grupo coeso dirigido para o ensino, atendimento de enfermos e pesquisa. A minha presença nesta Casa deve-se, em grande parte, ao espírito de equipe que nos une.

Somente a compreensão e o amor impulsionam o homem na vida. Encontrei estes nobres sentimentos na minha esposa Maria Inês, que tem sido a razão do meu viver, inspiração dos meus sonhos e a

companheira de minhas lutas. A ela cabe os louros da vitória se, porventura, um dia os alcançar.

No meu trabalho recebo continuamente o estímulo de meus filhos: José Marcos, Maria Cristina, Antônio Martins, Ana Teresa, José Murilo e Inês Beatriz e dos últimos representantes dos Terésios, meus netos Ana Carolina e Pedrinho. Que a Providência Divina os proteja e os dirija para os caminhos do bem!

Obrigado!